

Especial

Vivendo no brutalismo

E na cidade planejada e cheia de obras de arte arquitetônicas, “um museu moderno em uso e em constante desenvolvimento que pode se relacionar com qualquer tipo de boa arquitetura”, segundo o arquiteto Daniel Mangabeira, temos não só prédios públicos brutalistas, mas também residências.

Uma delas fica na QI 7, no Lago Sul, foi criada por Milton Ramos, na década de 1970, e os primeiros donos da casa eram amigos do arquiteto. Essa família viveu ali por 40 anos, até surgir a necessidade de vendê-la.

O atual proprietário, Luís Gustavo Freitas da Silva, 43 anos, advogado, sempre morou em apartamentos e sentia muita vontade de viver em uma casa, sonho que começou a tomar forma junto com outro — foi quando a esposa ficou grávida, que eles resolveram se mudar.

Amigo de arquitetos, adorando estudar o tema e sendo, como ele mesmo diz, “um tipo de arquiteto frustrado que é formado em direito”, Luís começou a pesquisar casas e se deparou com a obra de Milton Ramos.

Mesmo com a verba muito aquém do que valia o espaço, resolveu marcar uma visita. Acompanhado de Daniel, que depois foi um dos arquitetos responsáveis pela revitalização da casa, ele conheceu a antiga proprietária e sua história. Depois de viver na casa sua vida toda, ter criado os filhos e perdido o marido ali, era difícil se desfazer. Os dois criaram uma conexão instantânea. Quando ela se emocionou contando que recebia ofertas milionárias de pessoas que queriam demolir a casa, Luís emocionou-se — e indignou-se — junto.

Uma das poucas intervenções na estrutura da casa, feita pelos antigos moradores, foi soterrar o espelho d’água, mas a alteração só ocorreu depois que um dos filhos do casal quase se afogou. Quando Luís disse que, se fosse dono da casa, revitalizaria a sua glória original, a senhora foi ficando mais maleável.

Por fim, mesmo recebendo outras ofertas mais vantajosas financeiramente, ela escolheu vender para



Luís começar a nova vida ao mesmo tempo em que resgatava o passado da obra. “Ela entendeu que eu ia continuar a história bonita da casa, preenchendo aquela sala ampla com crianças brincando e correndo e respeitando e reverenciando a história”, conta.

A promessa foi cumprida, o primeiro filho nasceu e hoje tem 11 anos, mesma quantidade de tempo que a família vive na casa, que tem, também, a presença da caçula, de 7. O espelho d’água voltou a brilhar, e Luís garante que não se muda ou compromete a casa por dinheiro nenhum no mundo.

Simple e funcional

Apreciador do brutalismo, o advogado enxerga o imóvel como simples e fácil de usar. “É uma casa coerente. Acima da estética vem a funcionalidade. A vida é muito gostosa aqui, a casa permite isso.”

Luís entende que a simplicidade da casa traz a possibilidade de que cada morador traga o próprio estilo, decoração e personalidade. E bate novamente na tecla da coerência quando menciona aspectos arquitetônicos que entram na moda, como portas gigantes